



# CIDADES & CORPOS

MOBILIDADE SENSÍVEL A GÊNERO,  
RAÇA E CLIMA

RELATÓRIO

## Auditoria de segurança das mulheres em Belo Horizonte

BELO HORIZONTE, 12 DE ABRIL DE 2019

NossaBH

ONU  HABITAT  
POR UM FUTURO URBANO MELHOR

**Relatório:**  
**Auditoria de segurança**  
**das mulheres em Belo Horizonte**

**Evento:**  
**Cidades & Corpos:**  
**Mobilidade Sensível a Gênero, Raça e Clima**

**Local:**  
**Belo Horizonte, Minas Gerais**  
**12 e 13 de Abril de 2019**

**Organização:**  
**Programa das Nações Unidas para**  
**os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), Nossa BH,**  
**Fórum das Juventudes, BH em Ciclo e Coalizão Clima e Mobilidade Ativa**

**Escrito por:**  
**Daphne Besen, Analista de Programas do ONU-Habitat**



**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOSHUMANOS (ONU-Habitat)**  
**Escritório Regional para América Latina e o Caribe (ROLAC) - Brasil e Cone Sul**  
**Rua Gago Coutinho, 52, Laranjeiras, Rio de Janeiro, Brasil**  
**Telefone: +55 21 2976-6505**  
**E-mail: [brasil@unhabitat.org](mailto:brasil@unhabitat.org)**  
**Website: [www.unhabitat.org](http://www.unhabitat.org)**

## Índice

1. Apresentação	4
2. Planejamento urbano, segurança e mulheres	4
3. Metodologia	6
4. Auditoria de Segurança das Mulheres	7
4.1 Observações da caminhada exploratória	7
4.2 Roda de conversa	7
4.3 Cartografia do espaço público planejado por e para mulheres	10
5. Conclusões	10

## 1. Apresentação

Este relatório apresenta o registro e a sistematização da Auditoria de Segurança das Mulheres desenvolvida pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) no dia 12 de abril de 2019 em Belo Horizonte, Minas Gerais. A auditoria fez parte da programação do evento "Cidades e corpos: Diálogos entre mobilidade, gênero, raça e clima", organizado pelo ONU-Habitat, Movimento Nossa BH, Fórum das Juventudes da Grande BH, BH em Ciclo e Coalizão Clima e Mobilidade Ativa nos dias 12 e 13 de abril de 2019 no Espaço Odara Café & Oficinas, no bairro União.

## 2. Planejamento urbano, segurança e mulheres

O desenho e o planejamento urbano não criam a violência, mas criam o ambiente que oferece maiores ou menores oportunidades para que a violência aconteça. Dessa forma, espaços públicos fisicamente mais seguros são uma das maneiras de reduzir as oportunidades para que a violência ocorra, aumentando então a sensação de segurança desses espaços.

As mulheres não apenas percebem e experimentam a cidade de forma diferente dos homens, mas também utilizam os espaços públicos de formas diferentes. O desenho e o planejamento urbano têm ignorado as experiências, necessidades e preocupações específicas de cada gênero, em especial com relação às mulheres e meninas. A urbanização, dessa forma, também pode resultar em desigualdades socioeconômicas, exclusão e segregação.

A falta de políticas de inclusão, sensíveis à questão do gênero e das populações mais vulneráveis levaram a uma tendência de exclusão no desenvolvimento urbano. O "planejamento urbano para poucos" não promove sustentabilidade e estabilidade econômica. Com isso, é um importante ponto de partida para garantia de igualdade, inclusão e sustentabilidade urbana termos em mente a análise da governança urbana por meio das dinâmicas socioeconômicas e de gênero. Apenas quando as diferentes experiências e necessidades de mulheres e homens forem integradas no desenho e planejamento urbano é que teremos uma cidade mais inclusiva.

A segurança de mulheres envolve estratégias, práticas e políticas que buscam reduzir a violência com base no gênero, incluindo o medo da mulher de sofrer um crime. A segurança das mulheres envolve diversos fatores, e a segurança delas nos espaços públicos, envolve necessariamente espaços mais seguros. Espaços inseguros na cidade prejudicam a mobilidade e o conforto, resultando em uma forma de exclusão social. Mas, esses espaços públicos têm também potencial para criar uma sensação de segurança e conforto, podendo desencorajar a violência se planejados de forma inclusiva. Com isso, o planejamento e as políticas em torno da segurança devem sempre envolver e considerar as mulheres.

Uma das maneiras como as mulheres podem se sentir mais seguras e se beneficiarem dos serviços e recursos que as cidades podem oferecer é por meio da procura ativa por mudanças em seu ambiente físico. Nesse sentido, a participação da sociedade civil em espaços de discussão que privilegiem os discursos, propostas de criação e implementação de políticas advindas da própria população a partir de métodos participativos são importantes para criar um sentimento de propriedade e engajamento coletivo, já que são as participantes que possuem a informação qualitativa sobre os resultados e efeitos das políticas públicas.

Nesse sentido, apresentamos a Auditoria de Segurança das Mulheres, uma ferramenta criada no Canadá em 1989 e adaptada pelo ONU-Habitat como parte do Programa Cidades Mais Seguras (Safer Cities Programme). Essa ferramenta possibilita uma avaliação crítica do ambiente urbano, dando legitimidade às preocupações das mulheres, aumentando a conscientização da violência contra grupos vulneráveis e possibilitando que os tomadores de decisão entendam como os homens e mulheres experienciam o ambiente urbano de maneiras diferentes.

As auditorias são utilizadas para acessar a sensação de segurança por meio da identificação de fatores que fazem as mulheres se sentirem seguras ou inseguras nos espaços públicos. Com base nos resultados, recomendações podem ser feitas para aumentar a sensação de segurança das mulheres nesses espaços. Além disso, as auditorias trabalham com a premissa de que os especialistas em segurança de uma área são aqueles que a frequentam, ou seja, seus usuários.

Com o foco nas perspectivas das mulheres, é esperado que essa ferramenta possa identificar como os fatores ambientais e urbanos causam insegurança para populações vulneráveis, que muitas vezes não são levadas em consideração pelo planejamento urbano mainstream. Dessa forma, além de encorajar mudanças no ambiente físico, as Auditorias de Segurança das Mulheres buscam empoderar mulheres para ocuparem o espaço público e participarem das tomadas de decisão.

A força das auditorias está no processo participativo, uma vez que apoiamos e legitimamos o uso das considerações, percepções e conhecimentos das mulheres em primeira mão. As auditorias têm a capacidade de retratar as experiências físicas e emocionais das moradoras de certa área que normalmente têm suas visões marginalizadas.

Além de incentivar mudanças físicas no ambiente, as auditorias têm como objetivo capacitar as mulheres participantes para que elas se apropriem do espaço público e participem das tomadas de decisão locais. Ao concentrar-se nas perspectivas das mulheres, espera-se que a ferramenta possa identificar como os fatores ambientais provocam insegurança também para outros grupos marginalizados e negligenciados no planejamento urbano.



### 3. Metodologia

A Auditoria de Segurança das Mulheres realizada em Belo Horizonte consistiu nas seguintes etapas: (i) Escolha do bairro, mobilização de atores e parceiros locais; (ii) Caminhada exploratória no bairro; (iii) Roda de conversa sobre segurança urbana no bairro e nas cidades como um todo; (iv) Cartografia apresentando um espaço

público ideal para todos e todas; (v) Formulação de recomendações com base nos depoimentos e follow-up do relatório.

O Nossa BH mobilizou mulheres do bairro União, onde foi realizada a atividade, para participar da auditoria. Em especial, foram realizados diálogos com o Grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Terceira Idade, o Projovem Adolescente do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), o projeto social Tecendo a Vida e lideranças comunitárias. Algumas visitas aos espaços foram necessárias e as organizações buscaram mobilizar adolescentes e grupos de mulheres do bairro.

Além das organizações e lideranças atuantes no bairro União, foram abertas inscrições para participantes externas que tivessem vontade de participar da auditoria. Com isso, tivemos um total de quinze mulheres participantes, sendo quatro delas residentes e/ou atuantes no bairro União; seis mulheres eram residentes de outros bairros de Belo Horizonte, engajadas em outras atividades relacionadas ao tema do planejamento urbano e da igualdade de gênero; e cinco mulheres eram moradoras de outras cidades do Brasil, mas que também trabalham com temas relacionados à proposta do evento.

A atividade foi realizada no Espaço Odara Café & Ofícios, no bairro União, em Belo Horizonte, no dia 12 de abril entre 9h30 e 13h30. Iniciamos a atividade com uma caminhada exploratória de 30 minutos pelo entorno do Espaço Odara. Solicitamos que as mulheres observassem, anotassem e fotografassem a rua, as sinalizações, fachadas, pontos de ônibus, canteiros etc. para conversarmos sobre a interferência da qualidade do espaço urbano em nossa sensação de segurança na cidade.

Ao longo da caminhada observamos faixas de pedestres apagadas, ausência de sinalizações, muitos muros extensos e com cercas elétricas, pontos de ônibus sem sinalização, calçadas sem acessibilidade e com muitos desníveis, falta de iluminação pública e terrenos vazios. Por mais que a maioria das mulheres não fosse do bairro, notamos que o que observamos em nossa caminhada ocorre em diversos outros bairros e cidades.

Após a caminhada, retornamos para o Espaço Odara e sentamos em roda em uma sala para iniciarmos a roda de conversa. Inicialmente, nos apresentamos, explicamos a metodologia a ser aplicada e seus objetivos e solicitamos que cada mulher se apresentasse, contando também um pouco sobre sua atuação e onde mora. Em um segundo momento, realizamos as perguntas, elaboradas previamente e adaptadas ao andamento da conversa, dando espaço para as mulheres ficarem à vontade e falarem até o assunto ser esgotado entre elas. No terceiro e último momento da auditoria, dividimos as mulheres em dois grupos e solicitamos que desenhassem em uma cartolina o que seria o espaço público ideal para elas. Em seguida, os dois grupos se apresentaram, listando os itens e equipamentos necessários para um espaço público pensado por e para mulheres.

## 4. Auditoria de Segurança das Mulheres

### 4.1 Observações da caminhada exploratória

Pouca circulação de pedestres;  
Muros altos, extensos e vazios com cercas elétricas;  
Faixas de pedestres com a pintura apagada;  
Falta de sinalização nas ruas;  
Terrenos vazios;  
Desníveis nas calçadas;  
Calçadas não acessíveis;  
Ausência de lixeiras;  
Ausência de sinalização de pontos de ônibus;  
Poucos postes de iluminação pública;  
Alta velocidade de carros passando nas ruas.

### 4.2 Roda de conversa

Nesta seção, apresentamos a relatoria do momento de conversa com as mulheres. Foram feitas cinco perguntas, uma de cada vez, dando espaço para que as mulheres falassem o quanto desejassem sobre cada assunto.

Com o objetivo de dar voz às mulheres e captar suas reais percepções e sentimentos, na maioria das falas mantivemos as aspas, sem reescrever ou modificar as frases ditas. Para preservar a identidade e privacidade das mulheres, os nomes foram retirados das falas.

#### I) Vocês têm medo de que?

"Assalto"

"De andar à noite"

"De estar com os filhos pequenos e vivenciar situação de violência, principalmente à noite"

"De andar na rua e por consequência ter que escolher o transporte privado por medo"

"Um quarteirão a mais, mesmo de dia, pode ser perigoso"

"À noite o perigo é mais evidente"

"Eu não ando relaxada e disponível para viver a cidade nunca, estou sempre atenta aos riscos, a insegurança é total"

"Nem todos os espaços são acessíveis para as mulheres, nós não entramos em todos os espaços porque muitos são evidentemente masculinos (ex: bares)"



"De ser estuprada"  
"De morrer quando estou chegando em casa"  
"De ser assassinada pela polícia"  
"Saber que alguém que amo está na rua causa medo cotidianamente"  
"De tempos em tempos surge um novo estuprador" / "tenho medo de morrer pela milícia"  
"Tenho medo de não conseguir ser eu" / "fico me medindo fora de casa" / "não sou eu para criar uma proteção, crio uma barreira" / "tenho medo até do Uber" / "medo de ser sequestrada na porta de casa" / "às vezes quero estar numa praça, estar ali, descansar, mas não consigo baixar a guarda, porque são muitas ameaças"  
"Da violência no trânsito"  
"Quando somos mães o medo é ainda mais presente"  
"Medo de viver na cidade no Brasil"  
"Quando eu era jovem, eu não tinha medo"  
"Temos visto muita ansiedade na cidade – mulheres depressivas, ansiosas, com a saúde mental prejudicada, com dificuldades de mobilidade"

## II) O que seria ter segurança para vocês?

---

"Em termos práticos: uma boa iluminação, um urbanismo de fachada ativa, acabar com os muros da cidade, melhorar as travessias, os sinais, respeito à faixa de pedestres, ter ciclovias etc."  
"Cidade de 8 a 80 uma cidade em que uma criança de 8 anos consegue se deslocar sem risco e uma pessoa de 80 anos também possa se deslocar seguramente, usar a cidade sem barreiras invisíveis qualquer que seja a raça, gênero, idade etc."  
"Segurança é uma questão de política social"  
"Uma cidade mais integrada, com menos barreiras" / "nosso país é construído a partir de barreiras raciais, quem constrói as políticas não está usando elas" / "humanizar as pessoas" / "deslocar as barreiras entre o cidadão e não-cidadão, combatendo o racismo institucional" / "para construir políticas que atinjam todos, precisamos olhar para todos"  
"Construir políticas a partir da equidade, chegar à igualdade de fato"  
"Segurança é ter uma cidade que pertence a todo mundo"

## III) O significado de violência é o mesmo para homens e mulheres?

---

Todas: "Não"  
"Homem entende violência como agressão física, para a mulher a violência tem vários planos, o emocional, psicológico, físico, pode vir de um olhar de um estranho, da forma corporal que essa pessoa está conversando, às vezes são coisas silenciosas e invisíveis" / "podemos não ver, mas nosso corpo sente, o ambiente se torna agressivo" / "homens entendem a violência como algo na pele, enquanto para as mulheres é algo mais profundo e complexo"  
"Violências distintas para corpos distintos" / "depende de qual corpo e em qual espaço" / "a violência do silenciamento da mulher é muito forte nos espaços institucionais"

"Violência contra a mulher: sofrimento de mulheres que por muitos anos foram violentadas no casamento, na vida conjugal, e como isso reflete naquela senhora que ela é hoje"

"A solução para a violência é outra violência" / "nenhuma prisão é solução"

"Reprodução do medo" / "ficamos fortalecendo e perpetuando esse medo"

"Os casos de violência contra a criança, geralmente têm violência contra a mulher antes"

"Muitas famílias monoparentais femininas sendo afetadas"

"O contexto histórico de uma adolescente que a vida inteira sofreu violência, chega num ponto que ela mantém aquele relacionamento porque faz parte do contexto que ela viveu por muitos anos ou ela se vê numa situação que não pode sair desse relacionamento" / "romper com a intimidação e a ameaça é muito difícil"

"Mulheres aceitam parceiros violentos para eles protegerem elas de outros homens do território, o caso das mulheres em situação de rua – elas têm que ter um parceiro"

"Às vezes as outras meninas não entendem o que é um ato de violência"

"A violência vira linguagem"

"A importância de se sentir segura no meio de outras mulheres" / "fortalecer o apoio a outra mulher"

"A falta de mobilidade urbana nos espaços urbanos operacionaliza a dificuldade de acesso aos serviços"

"Medo tem variações de classe"

#### **IV) Como as mulheres ocupam os espaços públicos?**

"Fica a desejar, pelo medo"

"A mulher ocupa o espaço público de forma precária porque ela tem diversas funções" / "A mulher na casa e o homem na rua"

"Se não tem espaço para meus filhos, não tem espaço para a mulher"

"Acessibilidade não é só física" / "acessibilidade é alcançar o espaço com autonomia – chegar e ocupar e criar condições para"

"Relações de opressão são relações, relações desiguais" / "o machismo, o racismo e o classismo" / "como sair desse lugar de centralização de oportunidades?"

#### **V) Com base na caminhada que realizamos, o que vocês notaram no entorno do bairro? Sentiram-se inseguras?**

"Sinalização precária, muito mato, pouca acessibilidade, lotes vagos, espaços desertos, lugares desertos, iluminação precária"

"Não tem fachada ativa" / "rua sem comunicação com as edificações"

"Enquanto estávamos passando, os homens de uma oficina ficaram nos olhando e perguntaram se era um concurso de beleza"

"Encontramos homens fazendo xixi na rua e nos olhando"

## 4.3 Cartografia do espaço público planejado por e para mulheres

### **Principais sugestões apresentadas pelas mulheres:**

---

Ruas mais iluminadas;  
Ruas bem sinalizadas;  
Calçadas acessíveis para pessoas com deficiência e mães com carrinhos de bebê;  
Passeios públicos destinados aos pedestres;  
Praças públicas e parques com equipamentos para atividades físicas e aulas coletivas abertas para pessoas de todas as idades;  
Estações de reciclagem;  
Fachadas ativas que se conectem com a rua;

### **Vias com redução de velocidade dos carros (zonas 30);**

---

Ciclovias e incentivo ao uso de bicicletas;  
Pontos de ônibus conservados;  
Integração entre os transportes públicos;  
Incentivo à mobilidade ativa.

## 5. Conclusões

As discussões apontaram que o espaço público desempenha um papel muito importante na sensação de segurança ou insegurança das mulheres. Um espaço considerado inseguro por uma mulher muitas vezes vai fazer com que ela evite circular por aquela região, diminuindo e dificultando sua liberdade de ocupar e circular pela cidade.

A Auditoria de Segurança das Mulheres realizada em Belo Horizonte mostrou uma vontade grande das moradoras do bairro e da cidade de participarem e se engajarem em atividades como essa, compartilhando suas preocupações, visões, medos e desejos. A reação das mulheres foi muito positiva com a auditoria, elas agradeceram a oportunidade e comentaram inclusive sobre a necessidade de realizar atividades semelhantes com os homens.

Muitas nunca tinham se reunido com outras mulheres para conversar sobre o tema da segurança urbana ou até mesmo nunca tinham pensado ou falado explicitamente sobre seus medos e relatos do cotidiano da cidade. Como resultado, percebeu-se que muitas mulheres compartilhavam as mesmas sensações e impressões.

O grupo de mulheres era diverso, composto por mulheres brancas, negras, jovens, idosas, de bairros periféricos e centrais, mães, estudantes, trabalhadoras, ciclistas e usuárias de transportes coletivos e individuais motorizados. Por meio dos depoimentos, percebemos que apesar das aproximações entre as narrativas das mulheres, existem particularidades das experiências e sentimentos de medo, variando conforme raça, classe e espacialidade, o que mostra a urgência de pensarmos esses temas de forma interseccional. A auditoria proporcionou um espaço de troca e contato entre diferentes mulheres, com diferentes histórias e narrativas, mas com um desejo único de se sentirem mais seguras nas cidades.

Essa análise, com base no gênero, a respeito das possibilidades e questões trazidas por uma urbanização desigual nos faz refletir sobre a necessidade de cidades pensadas e planejadas para todos e todas. Uma abordagem holística e multidisciplinar para diminuir a violência e a insegurança, aliada ao desenvolvimento econômico, resiliência, planejamento urbano e uma perspectiva de gênero poderiam conter a desigualdade urbana, promovendo políticas que buscam cidades para pessoas. Essas recomendações fazem parte dos objetivos de longo prazo da Nova Agenda Urbana, que se compromete a conter as tendências discriminatórias e exclusivas nas cidades ao colocarmos as pessoas, o desenvolvimento social e a igualdade no centro.

# ONU HABITAT

POR UM FUTURO URBANO MELHOR



PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS (ONU-Habitat)  
Escritório Regional para América Latina e o Caribe (ROLAC) - Brasil e Cone Sul  
Rua Gago Coutinho, 52, Laranjeiras, Rio de Janeiro, Brasil  
Telefone: +55 21 2976-6505  
E-mail: [brasil@unohabitat.org](mailto:brasil@unohabitat.org)  
Website: [www.unohabitat.org](http://www.unohabitat.org)